

**REFLEXÕES ACERCA DE ELEMENTOS ENVOLVIDOS NA
PRODUÇÃO DE SENTIDO EM PORTUGUÊS LÍNGUA
ESTRANGEIRA**

(Organizadora)

IVENE CARISSINI DA MAIA

Outras autoras

CLAUDIA FLORIANA NUÑEZ e SIMONE MARIA TRICHES

Revisão de texto

MYRNA ESTELLA MENDES MACIEL e EINETES SPADA



EDITORIAL UNIVERSITARIA DE MISIONES

San Luis 1870

Posadas - Misiones – Tel-Fax: (03752) 428601

Correos electrónicos:

edunam-admini@arnet.com.ar

edunam-direccion@arnet.com.ar

edunam-produccion@arnet.com.ar

edunam-ventas@arnet.com.ar

Colección: Edición Especial

Coordinación de la edición: Claudio Oscar Zalazar

Armado de interiores: Amelia E. Morgenstern

ISBN 978-950-579-143-9

Impreso en Argentina

©Editorial Universitaria

Carissini Da Maia, Ivene
Reflexões acerca de elementos envolvidos na produção de sentido
em português língua estrangeira. - 1a ed. - Posadas: EdUNaM -
Editorial Universitaria de la Universidad Nacional de Misiones, 2009.
60 p.; 30x21 cm.
ISBN 978-950-579-143-9
1. Lengua Portuguesa. I. Título
CDD 469

Fecha de catalogación: 01/10/2009

Apresentação

Este livro está composto por artigos baseados em pesquisas acerca de dificuldades que enfrentam os alunos de português na compreensão e produção de textos, dentre as quais, enfocamos aqui, principalmente a produção de sentido. O trabalho de campo se desenvolveu no âmbito do Curso de Graduação do Professorado em Português da Faculdade de Humanidades e Ciências Sociais da UNaM.

O propósito desta publicação reside na ideia de que muitos dos problemas de ensino/aprendizagem nas aulas de formação de professores serão os mesmos, que os futuros docentes também enfrentarão com seus alunos no desempenho profissional. Neste sentido acreditamos na importância de realizar uma devolução aos estudantes do trabalho realizado. Assim como também, partilhar estes resultados com outros professores de línguas estrangeiras em geral.

Na interação diária com os estudantes constatamos as dificuldades de compreensão e produção de textos, que se materializam fundamentalmente na coerência e na coesão, fazendo com que os discursos percam sua significação e a adequação aos gêneros de circulação acadêmica. Adicionam-se a estas dificuldades de índole linguística, outras relacionadas às ações cognitivas e sócio-culturais, em que se destaca a problemática da produção de sentido, como o fator que opera com total complexidade, considerando que são sujeitos bilingues em interação com outros que também são.

Cabe mencionar que o enfoque da problemática não está centrado somente nas dificuldades dos alunos, mas também nas dificuldades que temos os professores de percepção, demarcação, interpretação e sistematização das ideias sobre as dificuldades.

Portanto o que apresentamos não são descrições e análises de textos do *corpus* discriminando os problemas, mas um trabalho a *posteriori*: artigos elaborados com a intenção de levar, tanto a alunos como a professores, a refletir sobre nossas próprias dificuldades.

Como resultados da pesquisa surgiram três elementos, que consideramos entrar em jogo de maneira problemática no momento de outorgar sentido aos enunciados:

- As limitações na proficiência sociocultural – discursiva.

- A influência da língua materna.
- As representações sociais acerca da facilidade aparente das línguas próximas.

Os textos que apresentamos, então, apontam a realizar reflexões sobre diferentes dimensões em que estes elementos operam e se materializam na produção de sentido.

É relevante destacar o caráter multidisciplinar da pesquisa. Embora a abordagem tenha sido sustentada na linha teórica da Semiótica Discursiva, foi indispensável recorrer a outras disciplinas como: Sociolinguística, Linguística Aplicada, Psicolinguística e Antropologia Social. O último mencionado presente em estudos sobre a cultura brasileira e o trabalho de campo.

Embora alguns dos textos tenham uma autoria particular, todos foram elaborados em equipe, através do debate, a avaliação e o consenso entre colegas. Por sua vez pretendemos dar continuidade a essa metodologia, desejando que a leitura do material seja um diálogo conosco.

Ivene Carissini da Maia

ÍNDICE

A relação simbiótica entre cultura e linguagem: efeitos no discurso

CARISSINI DA MAIA, Ivone

1- Reflexões teóricas acerca da relação entre a cultura e a linguagem	9
2- A constituição do sujeito do discurso.....	11
3- O assujeitamento do estrangeiro aos sistemas de representações da cultura do outro.....	12
4- Ideologia	14
5- O sentido	14
6- Memória coletiva - memória discursiva	16
7- Dinâmica da cultura, dinâmica dos signos: semiose infinita.	16
8- Diversidade cultural e linguística no Brasil: efeitos na linguagem	19
9- Últimas considerações.....	22

A relação da Língua Materna com a Língua Estrangeira na produção de sentidos.

CARISSINI DA MAIA, Ivone, NUÑEZ, Claudia Floriana e

TRICHES, Simone Maria

1- Reflexões teóricas acerca da relação LM – LE	27
2- Análise do <i>corpus</i> : situações do discurso	30
<u>Situação 1</u> : Estar entremeio da interdiscursividade português/espanhol: transferências, deslocamentos simbólicos, efeitos do <i>pré-construído</i>	30
<u>Situação 2</u> : Acesso aos sistemas de alusões implícitas à memória do dizer na L2	32
<u>Situação 3</u> : Os deslocamentos simbólicos	33
<u>Situação 4</u> : heterogeneidade do dizer, história, memória e formação discursiva: efeitos no sentido	33
3- Considerações finais	35

O subentendido como elemento significativo na compreensão e produção de sentido dos enunciados

NUÑEZ, Claudia Floriana

1- Os elementos extra verbais do enunciado	39
2- Os elementos verbais do enunciado	41
3- O subentendido	42
4- Elementos do subentendido	45
5- Propriedades do subentendido	47
6- Subjetividade: o papel na compreensão do subentendido.	47
7- Reflexões sobre a percepção do subentendido na língua estrangeira	48

**Recuperação da memória dos dizeres: os provérbios como recurso
didático nas aulas de PLE**

TRICHES, Simone Maria e CARISSINI DA MAIA, Ivone

1. Reflexões teóricas.....	53
2. Breve lista de provérbios em português e seu correspondente em espanhol: Análise contrastiva.....	56
3. Os provérbios na sala de aula: sugestões de uso	58

A relação simbiótica entre cultura e linguagem: efeitos no discurso

CARISSINI DA MAIA Ivone

Introdução

O principal objetivo deste trabalho é refletir sobre a relação simbiótica entre a cultura e a linguagem, pois acreditamos que são dois elementos que se complementam entre si em constante dinâmica de geração de signos, de multiplicação de sentidos e produção dos discursos que circulam nas esferas sociais.

Para o estudo enfocamos processos sócio-históricos culturais do Brasil e o legado deles à linguagem, porquanto nos engajamos à memória discursiva para analisar possíveis efeitos no discurso.

No percurso, chamamos a atenção sobre a problemática do assujeitamento do estrangeiro aos sistemas de representações da cultura do outro, tendo em conta o caráter dinâmico e ideológico dos signos, a subjetividade que permeia a linguagem e, em consequência disso, a produção do sentido.

1- Reflexões teóricas acerca da relação entre a cultura e a linguagem

(...) en el funcionamiento histórico real los lenguajes y las culturas son inseparables: es imposible la existencia de un lenguaje (en la acepción plena de esta palabra) que no esté inmerso en el contexto de una cultura, ni de una

(LOTMAN, Iuri M. – Semiótica de las artes y de la cultura)

A concepção de LOTMAN, em epígrafe, define em poucas palavras a interdependência entre a linguagem e a cultura, pois a cultura organiza estruturalmente o mundo que gira em torno ao homem e essa capacidade de organizar e estruturar da cultura se dá pela essência signíca. Para tanto no centro do

sistema de cada cultura obra a linguagem, como fonte poderosa de estruturação e ambas constituem um todo complexo.

Cultura mais linguagem são geradores de estruturas e com isso criam ao redor do homem uma esfera social, *“que como la biósfera, hace posible la vida, cierto es que no orgánica, sino social”* (Lotman, Iuri M., 2000:171).

Uma cultura ou uma realidade social é um edifício de significados, uma construção semiótica feita por sujeitos. Cada grão de areia, cada tijolo, equivale a um signo que tem uma existência e um sentido na estrutura social, cujo conjunto total conforma os sistemas de representações semióticos que constituem a biosfera social.

Portanto, desde a perspectiva da semiótica concebe-se a cultura como *“(…) un mecanismo sógnico complejamente organizado que asegura la existencia de tal o cual grupo de seres humanos como persona colectiva, poseedora de cierto intelecto suprapersonal común, de una memoria común, de unidad de conducta, unidad de modelización para sí del mundo circundante y unidad de actitud hacia ese mundo”* (Lotman, Iuri M., 2000: 123)

Desde uma perspectiva antropológica pode-se dizer que uma cultura é conformada por um complexo que contém definições multidisciplinares, que vai além do conjunto de realizações e contribuições de uma comunidade à civilização, como: a música, a literatura, a arquitetura, a tecnologia e a filosofia. A cultura é a forma própria de ser, fazer, viver, pensar e sentir de uma sociedade, desde o mais elementar, até chegar a manifestações mais complexas referidas a instituições sociais, a organização da família, tipo de governo, rituais cívicos e religiosos, em fim, leis e normas que determinam a convivência, as atitudes em relação às diferentes idéias e sistemas de valores.

Em função dessas definições pode-se dizer que a linguagem, a través dos sujeitos, tem a capacidade de descrever o mundo e todas as coisas nele existente. Mas o sujeito no uso da linguagem é orientado pela visão do mundo dada por sua cultura, visão que ele constrói a partir de sua história, vivida na injunção da realidade social, histórica e cultural.

2- A constituição do sujeito do discurso

Quando uma pessoa nasce, ela está imersa no seu seio social, onde vai apreendendo sua cultura através das experiências vividas com outras pessoas, cuja mediação sempre é feita pelos signos. Com o passar do tempo o sujeito desenvolve a capacidade de percepção, uso e geração de signos das diferentes linguagens de sua cultura (a linguística propriamente dita, gestual, visual, olfativa, artística, icônica e outras). Primeiro de maneira natural, na semiosfera familiar e depois nos níveis mais complexos, por exemplo, o estudo sistemático em diferentes áreas de conhecimento.

Então a existência humana é social e essa existência se realiza **simbolicamente, através das significações**, portanto **todas as suas práticas se dão enquanto sentido**. As relações sociais que se estabelecem são imaginárias. Essas relações imaginárias podem encontrar, na simbologia, tanto no que se pensa que se é, como no que se pensa que são os outros ou no que se pensa que são as coisas que nos rodeiam:

“Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalham e perpetuam somente pelo uso de símbolos. Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e o uso de símbolos que torna possível a sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano. O comportamento humano é o comportamento simbólico.” (WHITE, Leslie em LARAIA, Roque de Barros, 2006:55)

Embora abstratos, os sistemas de representações simbólicos são partilhados coletivamente possibilitando assim a **produção de sentido na comunicação entre os sujeitos**. Aqui é importante retomar a definição de cultura de Lotman citada anteriormente na qual dizia que é um mecanismo semiótico complexamente organizado que garante a **existência de grupos** de seres humanos **como pessoa coletiva**, possuidoras de certo **intelecto supra pessoal comum**, de uma **memória comum**.

A partir do nascimento, o sujeito é engajado **a uma história**, a uma **memória social coletiva e a uma memória discursiva**, portanto tem uma constituição **histórico-discursiva** que é dada pela memória discursiva de sua cultura. Esta constituição histórico-discursiva o põe sob os efeitos de uma rede de significações. Ao enunciar ele

é interpelado por essa formação discursiva de tal maneira que é impossível pronunciar enunciados com sentido fora dessa semiosfera signica.

3- O assujeitamento do estrangeiro aos sistemas de representações da cultura do outro

O exposto até agora, embora cause impressão de muitíssima complexidade, para o ser humano ocorre de maneira natural dada a sua condição de ser social, assim como de ter a capacidade inata da linguagem. No entanto, se torna realmente complexo com a diversidade cultural e em consequência linguística.

Aqui figura com extrema complicação a situação do sujeito que estuda uma língua estrangeira, já que não existe uma leitura universal do mundo, da mesma maneira que as línguas não são traduções homólogas de uma única realidade, e toda cultura implica uma representação específica do mundo.

Ao falarmos de uma determinada cultura, podemos dizer que os nativos já contam com um marco de cognições sócio-históricas culturais adquiridas no seio da sociedade. Isso dota ao sujeito de um conhecimento que ao enunciar, ao se comunicar com outros, uma grande porcentagem dos signos não necessitam ser explicitados verbalmente, são dados por subentendidos entre os sujeitos que compartilham a mesma memória discursiva, lugar de posicionamento para o diálogo.

O texto que segue, faz parte do *corpus*, composto de textos produzidos por alunos de português como língua estrangeira. Este foi produzido por um grupo de alunos em uma das disciplinas do Curso de Graduação em Português. Mostra claramente a importância do conhecimento que os sujeitos têm sobre a cultura, sobre a cadeia de significações da memória coletiva:



O slogan publicitário trata de responder ao comando que propunha a produção de um texto publicitário, no qual se espelhasse a aplicação dos conteúdos relacionados a técnicas e estratégias de produção de texto para uma melhor codificação e decodificação das mensagens.

Ao tratar-se de um slogan, o grupo deu ênfase à função poética, realizando a rima e combinando-a, por sua vez também, com outros elementos do texto: imagens, cores, etc. Pois o objetivo da equipe era a promoção da marca de uma chuteira, que designaram: SAPATÃO.

O cartaz seria colocado no alto dos prédios, com a intenção de chamar a atenção de todos os homens que jogassem futebol com chuteiras com o propósito de induzi-los à compra. O texto contém todos os elementos necessários: tamanho e proporções, pouca informação, uso de recursos poéticos e icônicos, etc. No entanto os alunos não conheciam todas as significações da palavra sapatão. No Brasil, além do significado literal, aumentativo de sapato: sapato grande, cobra outro significado quando é usado como gíria e tem conotação sexual, pode significar mulher masculina, homossexual ou lésbica. Em consequência a produção do sentido causaria um efeito totalmente adverso ao desejado pelos autores.

A memória discursiva traz consigo a **história do dizer** que pode ser previsível quando está relacionada com a **objetividade** do literal, mas a grande heterogeneidade do dizer permeia a língua de **subjetividade, produto da simbologia**.

Para que o estrangeiro possa falar segundo a história do dizer da cultura alvo ele tem que passar por processos que o engajem nessa história do dizer, que o façam apropriar-se do saber discursivo.

4- Ideologia

Como vimos até agora toda **cultura é por natureza simbólica**. Esta constituição simbólica está sustentada num sistema ideológico, que compreende as ideias e os sentimentos gerados no esforço de entender a experiência “coletiva” e de justificar e questionar a ordem social. Volshinov,¹ diz que é impensável distanciar o estudo da ideologia do estudo dos signos, existe uma relação de interdependência tal, entre eles, que nos levaria a acreditar que só é possível o estudo dos valores e ideias contidas nos discursos atendendo a natureza dos signos que as constituem.

O sistema ideológico compreende as ideias e os sentimentos gerados no esforço de entender a experiência coletiva ou justificar e questionar a ordem social. Portanto é o componente mais importante da cultura, pois é uma réplica conceitual da realidade, tal como é percebida por uma comunidade. Seus conteúdos fundamentais são: a linguagem, o conhecimento, as crenças, as leis e os valores éticos, a mitologia, a religião, a magia e as artes.

É pertinente a concepção do Antropólogo Darcy Ribeiro² o sistema ideológico de uma cultura: *“(...) así como puede reflejar objetivamente la realidad y explicar realísticamente la experiencia, también puede deformarla. En verdad tiende a mistificarla. En el propio lenguaje ya se encuentra esta ambigüedad, inherente a su doble capacidad de operar como modo de expresión simbólica tanto de percepciones objetivas como fantasiosas”*. (O destacado é nosso.)

5- O sentido

O sentido é atribuído através do sistema ideológico. A ideologia interpela os indivíduos em sujeitos em seu próprio discurso, fornecendo a cada sujeito “sua” realidade a través dos signos. A fala do sujeito é produzida a partir de um determinado

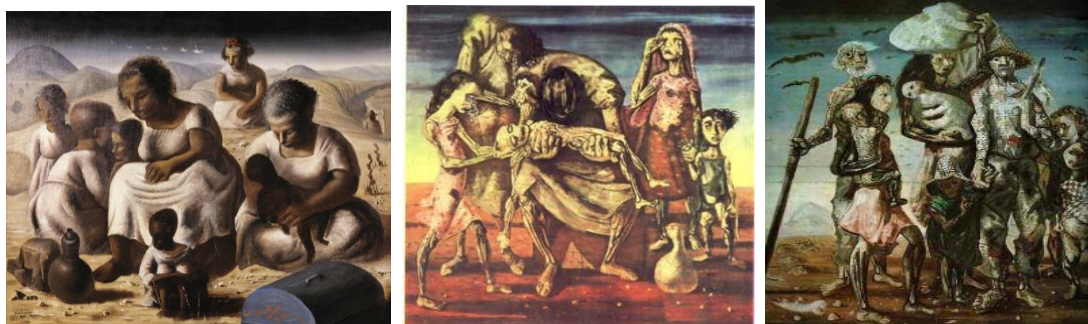
¹ Volshinov, Valentin, N. – El signo ideológico y la filosofía del lenguaje. BS.AS: Nueva Visión, 1976

² RIBEIRO, Darcy. Fronteras indígenas de la civilización. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 1973:147.

lugar e de um determinado tempo. Pêcheux³, diz que o *sentido não existe em si mesmo* (em sua relação transparente com a literalidade do significante), pelo contrário, é determinado pelo posicionamento ideológico em jogo nos processos sócio-históricos.

Nas regiões mais áridas do Brasil, o sofrimento com o clima e a falta de água para sobreviver é constante. A história do sertão nordestino está marcada por muitas secas em que milhares de nordestinos necessitaram se retirar desses lugares para sobreviver, dos movimentos migratórios surge a expressão **retirantes**. Hoje o signo cobra diferentes significações: um nordestino fora de sua terra natal pode ser chamado, pejorativamente, de retirante, embora não tenha fugido da seca. Também com a mesma carga pejorativa é empregado em situações relacionadas com pobreza extrema ou pelo estado físico da pessoa: muito magra ou com desnutrição.

O signo cobra sentido também desde a perspectiva artística. O célebre artista plástico brasileiro Cândido Portinari, cujas obras têm influência do cubismo, principalmente através de Picasso, pintou a série “Retirantes”. Esta série pertence ao período em que a denúncia social marcou a pintura de Portinari, seja como decorrência da precariedade da situação social brasileira ou como reflexo das calamidades da guerra que sensibilizaram tantos pintores europeus com o pensamento de expressar as dificuldades sofridas pelo povo, expondo os excluídos de qualquer direito, restando-lhes apenas a morte como consolo. É o que mostra a obra “Criança Morta”, de forte repercussão na época.



³ PÊCHEUX, M. Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. (Trad. De Eni P. Orlandi, Lourenço Ch. Jurado Filho, Manoel L. Gonzalez Correa e Silvana Serrani) Campinas: Editora da UNICAMP, 1988: 160. (Original en francês, 1975).

Retirantes (73 X 60 cm), 1936 Menino Morto (179 X 190 cm), 1944 Retirantes (192 X 181 cm), 1944

Girando em torno do mesmo objeto citamos como exemplo o seguinte enunciado: *“A criancinha dessa mulher não vingou”*. Uma pessoa que não conhece a histórica problemática social do Nordeste, literalmente pensará em brigas, disputas, duelos, rancor. Mas como relacionar uma criancinha com isso? Entre tantas mortes e desgraças, quando uma criança, uma planta ou um animal nasce e sobrevive de certa maneira sai vencedora no embate contra a natureza ou do contrário perece nele, daí vem o sentido de *“não vingou”*.

6- Memória coletiva - memória discursiva

O exemplo anterior nos leva a pensar que se voltarmos no tempo e tratarmos de buscar exatamente em que momento haveria surgido os signos: *“vingou”* e *“não vingou”*. Vamos ver que não há um indivíduo ou uma só situação que marcou o ponto de partida fazendo com que as pessoas dissessem: a partir de hoje não vamos mais chamar morte ou sobrevivência, vamos chamar de outra maneira. Embora não exista um ponto de partida, há uma memória inscrita nas práticas de uma sociedade que se constitui **no entremeio da temporalidade do mítico e a cronologia do histórico**. Mas apesar de determinada pela ordem do histórico, não chega a ser como esta, uma memória construída, ordenada e sistematizada: *“Para enxergá-la é necessário buscar os **signos de auto-compreensão da sociedade para posteriormente interpretá-la**. Trata-se, antes, de um estatuto social que a memória adquire no corpo da coletividade e que produz as condições para o funcionamento discursivo e, conseqüentemente, para a interpretabilidade dos textos”* (GREGOLIN, Maria do Rosário – 2003: 49).

7- Dinâmica da cultura, dinâmica dos signos: semiose infinita.

A linguagem influi sobre as diferentes manifestações da cultura, assim como os movimentos sócio-culturais são acompanhados por modificações das condutas

linguísticas. Quanto mais velozes as transformações sociais e culturais maior será o **aumento da semioticidade**. Podemos citar como exemplo a mudança do título de Barão outorgado pela nobreza imperial brasileira pelo título de coronel outorgado aos fazendeiros na república oligárquica. A função que cumpriam, e o poder que exerciam eram similares nos dois sistemas de governo, mas a sustentação do novo sistema impunha a necessidade de gerar figuras acordes ao imaginário da utopia popular republicana.

Devido à memória discursiva, depois de mais de um século, podemos seguir falando sobre os Barões e os Coronéis. Mas os sentidos ou o conceito outorgado aos termos hoje é totalmente diferente ao sentido dado na época em que cada signo foi gerado. Pois foi gerado pela conjuntura histórico-social, de um tempo e em um espaço determinado. Isso significa que a memória coletiva permite a conservação do signo, mas o sentido vai mudando a través do tempo e contexto de uso:

“La memoria no es un depósito de información, sino un mecanismo de regeneración de la misma. En particular, por una parte, los símbolos que se guardan en la cultura, llevan en sí información sobre los contextos (o también los lenguajes), y, por otra, para que esta información se ‘despierte’, el símbolo debe ser colocado en algún contexto contemporáneo, lo que inhabitablemente transforma su significado.”
(Lotman, Iuri M. 1998:152)

A intertextualidade apresentada à continuação, embora pertença a enunciados extraídos de obras totalmente diferentes, como gêneros textuais: o romance *Iracema* pertence ao gênero literário (de teor ficcional) e a obra de Darcy Ribeiro: a formação do povo brasileiro (de teor científico acadêmico), tratam da mesma temática: O encontro das etnias e culturas no início da colonização do Brasil, enfocando as relações sociais, amorosas e sexuais entre os indígenas e europeus. Relações estas, que inauguraram a miscigenação e o surgimento do povo brasileiro. Em *Iracema*, o nascimento de Moacir (filho da minha dor) simboliza o efeito desse encontro.

Quando o guerreiro terminou a refeição, o velho Pajé apagou o cachimbo e falou:

— Vieste?

— Vim; respondeu o desconhecido.

— Bem-vindo sejas. O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém. Os tabajaras tem mil guerreiros para defendê-lo, e mulheres sem conta para servi-lo. Dize, e todos te obedecerão.

— Pajé, eu te agradeço o agasalho que me deste. Logo que o sol nascer, deixarei tua cabana e teus campos aonde vim perdido; mas não devo deixá-los sem dizer-te quem é o guerreiro, que fizeste amigo.

(ALENCAR, José de, *Iracema*, pág.7)

A instituição social que possibilitou a formação do povo brasileiro foi o *cunhadismo*, velho uso indígena de incorporar estranhos à sua comunidade. Consistia em lhes dar uma moça índia como esposa. Assim que ele a assumisse, estabelecia, automaticamente, mil laços que o aparentavam com todos os membros do grupo.

(RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995:81).

Estes dois fragmentos contêm elementos que confirmariam a relação entre os objetos discursivos, referente aos aspectos mencionados no parágrafo anterior. Mas, ao ampliar a perspectiva de análise das obras, abordando o contexto e condições de produção de cada obra, provavelmente veremos “duas caras de uma mesma moeda”, já que as visões dos autores sobre o encontro dos mundos são totalmente diferentes⁴. Citam-se como exemplo estas obras devido a que são comumente estudadas nos cursos de graduação de português língua estrangeira.

Embora tenham o mesmo objeto, cada obra reflete a simbologia presente nos sistemas de representações relacionados a cada *campo da comunicação*⁵. E ao compará-las veremos também como espelham os posicionamentos ideológicos dos

⁴ Citam-se como exemplo estas obras devido a que são comumente estudadas nos cursos de graduação de português língua estrangeira.

⁵ Referente à concepção de gênero do discurso de BAJTÍN.

autores segundo o tempo, o espaço e a conjuntura histórica. E todos esses elementos, retratam, na intertextualidade, a dinâmica da significação através do tempo.

8- Diversidade cultural e linguística no Brasil: efeitos na linguagem

Como vimos até agora a linguagem está intrinsecamente relacionada com a cultura e conformam uma complexa rede de significações. Os falantes são **assujeitados** a essa rede, sob um processo natural de aquisição das cognições sócio-discursivas de sua cultura e ao enunciar se posiciona como **sujeito dono do seu discurso** dentro dessa rede.

Consideramos que para o estrangeiro **o assujeitamento** se dá quando deixa de ser estrangeiro na língua alvo, quando atinge a rede de significações que sustenta essa língua, momento em que **o sujeito se torna dono do seu dizer, nesse idioma**. A marca da superação do umbral se visualiza quando o aluno deixa de repetir enunciados de outros e produz os próprios, em coerência com os sistemas de representações da cultura alvo.

Esse assujeitamento implica apropriar-se da rede de significações e saber discursivo da memória coletiva do dizer, nessa língua. Ao tratar-se da semiosfera brasileira devemos prestar especial atenção à heterogeneidade cultural, pois se vê refletida na linguagem de maneira bastante complexa e a permeia de subjetividade: *“Falarei, pois, destes “Brasis” que sabem tão bem conjugar lei com grei, indivíduo com pessoa, evento com estrutura, comida farta com pobreza estrutural, hino sagrado com samba apócrifo e relativizador de todos os valores, carnaval com comício político, homem com mulher e até mesmo Deus com Diabo.”* (Da Matta, Roberto, 2004: 8).

O brasileiro nasce na heterogeneidade desse complexo sócio-cultural que menciona Da Matta, e se assujeita a ela. Aliás, viver na heterogeneidade faz parte da **identidade linguístico-cultural** brasileira.

Então, ser discursivamente competentes em língua portuguesa supõe **assujeitar-se** à rede de significações dessa cultura. Isso implica a aquisição, também, do conhecimento sobre as dimensões sócio-históricas da diversidade linguístico-cultural.

Acreditamos que o texto que segue reflete a conjuntura entre dimensões sócio-históricas e diversidade linguístico-cultural. É um fragmento do rap: *A terceira opção da Trilha Sonora do Gueto*, que retrata a maneira de se comunicar de jovens de uma ampla faixa de comunidades urbanas e suburbanas. A leitura também é recomendada por Rodolfo ILARI e Renato BASSO, porque espelha a convivência, de todas as variações da linguagem, segundo as perspectivas da sociolinguística (diacrônica, diatópica, diastrática e diamésica):

A terceira opção

Trilha Sonora do Gueto

Celular, ókyoc na mão, do Zé povim
É uma arma poderosa nisso eu acredito sim
Embocamo num assalto de pistola e matraca
E eu grudei logo o gerente com a quadrada engatilhada
O meu parceiro com a matraca dominava o salão
Zé povim era mato tudo deitado no chão
Nóis achava que é o seguinte que o bagaio tava agüentado
Mó engano sangue bom, tava memo era secado
Tinha rota tava o goe a PM mais o GAP
Tava tipo aquela fita que cê viu na reportagem
E eu grudado cum refém, comecei raciocinar
Os motivos que fizeram eu no crime ingressar
residente do capão ,
ser humano pique jão
que não teve uma cultura
uma boa educação
morador de uma favela
que aprendeu morre por ela
nego, né comédia não ,
sofredor que num dá guela
voltando para a real ,
eu me vi logo enquadrado
me lembrei ni um minuto
que eu tava ni um assalto
escutava gritaria
vamo pegá ele já
vagabundo num tem vaga nesse mundo que deus dá

A letra que trata de retratar a maneira de falar dessas comunidades mostra uma profunda diferença entre o que seria a língua portuguesa escrita, não condiz em muitíssimos aspectos com as normas vigentes. Em outra época, um texto com estas

características não seria aceito de maneira escrita. A partir de meados do século XX, textos com marcadas variações linguísticas foram sendo introduzidos paulatinamente, principalmente em gêneros literários.

A temática do rap fala frequentemente da violência urbana pela voz das pessoas que a vivem, apresentando reflexos discursivos evidentes. Através de um ritmo cadenciado relata as situações e denuncia as condições de vida. Reflete de maneira potenciada no discurso o complexo dos sistemas simbólicos e ideológicos.

Possivelmente para brasileiros, que não pertencem a semiosfera do gueto o texto pode apresentar problemas para a compreensão pelo conteúdo metafórico dos signos, o tipo de conjugação verbal e as características sintáticas, dado pelo uso limitado de orações subordinadas, pois a tendência é a unir as sentenças por justaposição. Vejamos outras marcas destacadas por ILARI e BASSO:

“...matraca (metralhadora), quadrada (pistola), gambé (policia militar), sangue-bom (que é na verdade um vocativo por meio do qual o locutor, negro, representa seu interlocutor como outro negro); mas, como sempre, isso não é tudo: há peculiaridades relativas à pronúncia às formas e à sintaxe. No que diz respeito à fonética, a grafia <baguio> (por bagulho), mostra a tendência de substituir o som /k/ por /j/, a grafia <num> (por não), mostra que no advérbio de negação o ditongo nasal se reduziu à vogal nasal /ũ/. Também há muito que observar no que diz respeito às formas das palavras: muitas são mais breves que no PB padrão, como é o caso do mó (= maior), tô, tava (estou, estava), seis (= vocês), pa (= para) etc. As formas prucêis (em vez de para vocês), né comédia (não é comédia)...” (ILARI, Rodolfo e BASSO, Renato: O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos, 2006: 192)

Para um estrangeiro o texto pode se tornar um verdadeiro mistério a desvendar, **por um lado** pelas variações linguísticas, as peculiaridades da linguagem do gueto, emprego de gírias e sentidos metafóricos e **por outro** pelas dimensões sócio-históricas em interdiscursividade: as fronteiras, diferenças de classes, miscigenação, marginalidade e preconceito, identidade étnica e cultural, os valores, a história dos guetos, as favelas, a cultura afro-brasileira, a lei, as normas, os códigos, a violência e muito outros.

9- Últimas considerações

Normalmente ao iniciar o estudo do português nos encontramos com livros didáticos que facilitam a compreensão imediata de signos lingüísticos, possibilitando assim a aquisição de estruturas simples para a interação comunicativa em sala de aula. Mas sabemos que ao mergulharmos nos falares regionais, nas expressões idiomáticas, nas gírias e jargões do português, a língua se transforma num todo complexo, pois as representações sócio-culturais de diferentes grupos estão em constante diálogo. Acredita-se também que o diálogo entre as semiosferas produz diferentes processos de conhecimento sobre a linguagem, gerando os modos de dizer de uma língua.

É importante lembrar então, que adquirir uma nova língua não é apenas aquisição de estruturas linguísticas, mas a compreensão de uma nova cultura, de uma outra maneira de pensar, de conhecer outra cosmovisão. Portanto, a interpretação de uma língua estrangeira implica a interpretação de outra cultura em que as noções sobre comportamento simbólico, sistema ideológico, ambiguidade e subjetividade linguística, implícito cultural, memória coletiva, memória discursiva e a relação simbiótica entre linguagem e cultura são de suma importância para a **codificação e decodificação dos sentidos**.

Bibliografia consultada

ALENCAR, José de, 1991, *Iracema*, São Paulo, Ática, 24ª edição.

BAJTÍN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

BRANDÃO, Helena H. Nagamime, 2002, *Introdução à análise do discurso*, Campinas, Editora da UNICAMP.

BURDIEU, Pierre. 1985, *¿Qué significa hablar? Economía de los intercambios lingüísticos*, Madrid, Ediciones AKAL.

CELADA, M. T. 2004, *Língua estrangeira e subjetividade*, em GEL Estudos Lingüísticos XXXIII (Versão digital). Campinas: Unicamp, ISSN 1413 0939, seq. Mesas-redondas.

_____. 2004, *Brasil/Argentina. Acerca de ciertas formas de exponerse a la alteridad*. In: Actas de Congreso Internacional de Políticas Culturales e Integración Regional. (versión digital). Buenos Aires: FFyL/UBA.

_____. *Aspectos da subjetividade do brasileiro especialmente convocados no processo de aprendizado de espanhol*. Sínteses – Revista dos Cursos de Pós-graduação. Vol 8-2003. Pp. 13

Da MATTA, Roberto, 2004, *O que é o Brasil?* Rio de Janeiro, Rocco.

FANJUL, Adrián, 2002, *Português e espanhol: Línguas próximas sob um olhar discursivo*. São Paulo, Claraluz.

GUIMARÃES, E, 2002, *Semântica do CONTECIMENTO*, Campinas, Pontes.

GREGOLIN, Maria do Rosário, 2003, *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*, São Paulo, Claraluz.

ILARI, Rodolfo e BASSO, Renato, 2006, *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*, São Paulo, Contexto.

LARAIA, Roque de Barros, 2006, *CULTURA um conceito antropológico*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 20ª edição.

LOTMAN, IURI M, 2000, *La Semiósfera III. Semiótica de las artes y de la cultura*, Madrid, Ediciones Cátedra.

_____. 1998, *La Semiósfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*, Madrid, Ediciones Cátedra

_____. 1996, *La Semiósfera I. Semiótica de la Cultura y del Texto*, Madrid, Ediciones Cátedra.

- MOITA LOPES, L. P., 1996, *Oficina de Lingüística Aplicada*, São Paulo, Mercado de Letras.
- ORLANDI, Eni, 2002, *Língua e conhecimento lingüístico*, São Paulo, Cortez.
- _____. 2001, *Análise de Discurso. Principios & Procedimentos*, São Paulo, Pontes.
- _____. 1996, *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, São Paulo, Vozes.
- PAIXÃO, Fernando, 1984, *25 azulejos*, São Paulo, Iluminuras.
- PAYER, M. O, 2006, *Memória da língua. Imigração e nacionalidade*, São Paulo, Ed. Escuta.
- PÊCHEUX, M, 1975, *Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*, 1988 (Trad. De Eni P. Orlandio, Lourenço Ch. Jurado Filho, Manoel L. Gonçalves Correa e Silvana Serrani, 1998) Campinas, Editora da UNICAMP.
- _____. *O discurso. Estrutura ou acontecimento*, (Trad. De Eni P. De Orlandi, 1990), São Paulo, Pontes.
- PORTINARI, Cândido, 1944, *Menino Morto* (179 X 190 cm), Imagem publicada em Projeto Cultural Artistas del MERCOSUR del Banco VELOX.
- _____. 1944, *Retirantes* (192 X 181 cm), Imagem publicada em Projeto Cultural Artistas del MERCOSUR del Banco VELOX.
- _____. 1936, *Retirantes* (73 X 60 cm) Imagem publicada em Projeto Cultural Artistas del MERCOSUR del Banco VELOX.
- PRATA, Mario, 2003, *Mas será o Benedito? Dicionário de Provérbios, Expressões e Ditos Populares*, São Paulo, Globo.
- RIBEIRO, Darcy, 1995, *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras.
- _____. 1975, *Los brasileños. Teoría del Brasil*, Buenos Aires, Siglo XXI Editores.
- _____. 1973, *Fronteras indígenas de la civilización*, Buenos Aires, Siglo XXI Editores.
- _____. 1969, *Las Américas y la Civilización*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1969.

SERRANI-INFANTE, S. 1994, *Análise de ressonâncias discursivas em micro-cenas para estudo da identidade lingüístico-cultural*, em *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Campinas, nº 24, jul-dez.

_____1998, *Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso*, em : SIGNORINI, I. (org.), *Linguagem e Identidade*, Campinas, M.Letras/S.Paulo, Fapesp.

VILLAÇA KOCH, Ingedore e ELIAS, Vanda Maria, 2006, *Ler e compreender: os sentidos*, 2 ed. São Paulo, Contexto.

Volshinov, Valentin, 1976, *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje*, Buenos Aires, Nueva Visión.

ZOPPI-FONTANA, M. e CELADA, M. T. 2005, Sujetos desplazados, lenguas en movimiento: identificación y resistencia en procesos de integración regional, in *ELA* (UNAM), nº 42.

A relação da Língua Materna com a Língua Estrangeira na produção de sentidos

CARISSINI DA MAIA Ivone

NÚÑEZ Claudia Floriana

TRICHES Simone Maria

Introdução

Este trabalho aborda a relação entre a Língua Materna e a Língua Estrangeira. Nele apresentamos a ideia de que a LM sempre está presente no processo de aquisição/aprendizagem, e tratamos de interpretar como isso afeta ao sujeito do discurso, em consequência à produção do sentido. Nosso estudo se baseia na Teoria do Discurso, pelo que inicialmente realizamos uma reflexão teórica sobre a problemática e logo aplicamos os conceitos à análise do corpus. Esta análise está sistematizada em forma de proposta a ser usada como ferramenta didática que levaria os alunos a refletir sobre as possíveis influências da LM nas produções em LE.

1- Reflexões teóricas acerca da relação LM – LE

Christine Revuz, autora filiada à psicolinguística, sob um título muito sugestivo: *“A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio”*, apresenta a ideia de que o encontro entre a primeira língua e a segunda nunca é anódino para o sujeito, pois *“...já traz consigo uma longa história com sua língua. Essa história interferirá sempre na sua maneira de abordar a língua estrangeira [...] .o exercício que requer a aprendizagem de uma língua estrangeira revela-se tão delicado porque ao convocar, por sua vez, nosso relacionamento com o saber, nosso relacionamento com o corpo e nosso relacionamento com nós mesmos como sujeito-que-se-autoriza-a-falar-em primeira pessoa, convocam-se as bases mesmas da nossa estrutura psíquica, e com elas aquilo que é, ao mesmo tempo, o instrumento e a matéria de dita estrutura; a*

linguagem, a chamada língua materna. Toda tentativa de aprender outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua ...”(Revuz, Christine, 1992: 217).

Através de nossa experiência, como sujeitos bilíngues em interação com outros que também são podemos dizer que estamos totalmente de acordo com a hipótese formulada por REVUZ, pois a aquisição de uma língua estrangeira, além de mexer com a estrutura psíquica, requer apropriar-se de um saber discursivo que envolve todo o sistema de implícitos culturais e históricos com os quais uma língua se relaciona. No campo da análise do discurso, fala-se de um sujeito com uma constituição histórico-discursiva, ligado a uma *memória discursiva* (Pêcheux, 1975) na L1. Estar ligado à rede de significações sócio-histórico cultural da LM implica uma formação ideológica e discursiva que dota o sujeito de uma identidade, uma cosmo visão, uma maneira de posicionar-se segundo sua formação. Acredita-se que essa formação discursiva na língua materna influi de tal maneira que o sujeito ao enunciar na língua estrangeira circula por diferentes posições simbólicas entre a L1 e a L2 e projeta no campo da língua estrangeira posições simbólicas projetadas desde a língua materna.

O terceiro elemento que entra em jogo no processo de aquisição é o conhecimento linguístico-discursivo prévio. Aqui consideramos importante o conceito de *pré-construído* da análise do discurso, (Pêcheux, 1975), esboça a ideia de que é um dos pontos fundamentais da relação entre a teoria do discurso e a lingüística, já que diz respeito àquilo que a língua organiza, articula e produz sentido ao materializar-se sintaticamente como sendo de ordem pré-existente ao dizer. Na língua materna ao enunciar o sujeito não necessariamente precisa pensar para conjugar o verbo em um tempo passado, presente ou futuro ou realizar a concordância no plural ou singular, a qual momento do dia corresponde o bom dia, boa tarde ou boa noite, em fim, envolve toda essa informação que vem a tona de maneira inconsciente nas práticas discursivas, segundo Pêcheux (1988) *o impensado do pensamento* e Henry (1990): *“Trata-se de uma formulação pela qual o autor dá lugar, no interior do domínio da linguagem, àquilo que, à maneira dos mecanismos das orações explicativas e determinativas, se apresenta como sendo do domínio não da linguagem, mas das coisas ou do pensamento, ou seja, àquilo que aparece sintaticamente como estando assegurado*

anterior e exteriormente ao domínio da linguagem”. (em Payer, Maria Onice: Memória da língua imigração e nacionalidade p.35).

Perguntamo-nos aqui sobre o efeito do pré-construído ao enunciar na língua estrangeira. (Zoppi-Fontana, Mónica e Celada, María Teresa, 2005: 2) falam dos efeitos do pré-construído: *“La propia determinación histórico-discursiva del sujeto lo coloca bajo los efectos de elementos preconstruidos y de articulaciones definidas en la especificidad de interdiscurso de la lengua de origen – efectos que se imponen al enunciar en lengua extranjera, interfiriendo en el encadenamiento intradiscursivo de los enunciados”*.

Pelo exposto podemos dizer que, **por um lado**, o estudante de L1 é esse sujeito complexo dentro da sua historicidade com sua língua materna, e essa história interferirá sempre com a língua estrangeira. Como diz Revuz, a possibilidade pareceria estar sempre ligada à *“ruptura ou ao exílio”*. Segundo a pessoa, essa ruptura pode ser temida e evitada, pode ser buscada por ser salvadora, ou pode se converter em uma tensão dolorosa entre dois universos.

Por outro lado, temos o complexo processo cognoscitivo necessário para o assujeitamento à língua do Outro. Essa língua também tem a sua rede de significações, sua constituição histórico-discursiva, portanto a pessoa que a apreende deverá submeter-se *“a la memoria del decir en la lengua”* (Celada, 2004:3)., deverá fazer-se sujeito dessa língua, ou seja, assujeitar-se a ela, isto implica apropriar-se de um saber discursivo *“...que abarca todo el sistema de alusiones, implícitos, presupuestos lingüísticos, culturales e históricos com el cual, en tanto sujetos del lenguaje, pensamos que una producción en determinada lengua puede entrar em relación.”*

É usual escutar nas aulas de idiomas, frases como esta: *“não pense em espanhol, para falar tem que pensar diretamente em português”*, ou vice-versa na aprendizagem de espanhol. Mas não é tão fácil, pois a língua não está sozinha, é a construção social de uma comunidade, onde as práticas discursivas entre os nativos acontecem de maneira natural, pois já têm um marco de cognições socioculturais adquiridas a través de sua formação sócio-histórico discursiva. Ser sujeito de um universo semiótico diferente ao próprio implica incorporar-se aos processos discursivos desse Outro espaço. É possível consegui-lo de fato? É possível, pois há pessoas que atingem elevados níveis de proficiência em LE.

A partir dessa concepção da análise do discurso que compartilhamos, cremos que mesmo o sujeito atingindo altos níveis de *proficiência*, como estrangeiro sempre estará na L2 como estrangeiro. Todo sujeito de aprendizagem é único, portanto, nenhuma experiência é totalmente idêntica à outra porque no processo se conjugam muitos fatores: cognitivos, cognoscitivos, afetivos, socioculturais. Os deslocamentos transferenciais, os deslizos, os equívocos e as interpretações, assim como também as produções de seu discurso terão matizes de sua cosmovisão e, portanto, da sua língua materna. Paradoxalmente “*O eu da língua estrangeira não é, jamais, completamente o da língua materna.*” (Revuz, 1992: 225).

2- Análise do *corpus*: situações do discurso

O corpus analisado foi selecionado de textos coletados no âmbito do Curso de Graduação em Português Língua Estrangeira da UNaM, Misiones, Argentina. Foram escolhidos quatro fragmentos em português e sobre o português, que os denominamos: situações do discurso. Com a análise destas amostras pretendeu-se cumprir com os seguintes objetivos:

- Aplicar os conceitos da análise do discurso em geral e da especificidade (aquisição aprendizagem de línguas estrangeiras): *constituição histórico-discursiva do sujeito, assujeitamento, formação ideológica, formação discursiva, memória discursiva, memória do dizer deslocamentos simbólicos, pré-construído, efeitos da língua materna, deslizos, transferências, entremeio, implícito cultural e outros.*
- Relacionar essas situações do discurso com diferentes aspectos do processo aprendizagem/aquisição de LE, já que são ocorrências comuns em aulas de português.
- Abrir o caminho para a elaboração de textos, de caráter didático, que visem à reflexão sobre a influência da língua materna nas práticas discursivas de línguas estrangeiras.

Situação 1: Estar entremeio da interdiscursividade português/espanhol: transferências, deslocamentos simbólicos, efeitos do *pré-construído*:

Florencia: *Você vai ao **ginásio** todos os dias?*

Natalia: *Não, **voy a caminar** todos os dias.*

Para interpretar a situação 1, selecionamos este fragmento de um diálogo entre dois alunos, por ser uma situação comumente recorrente em estágios de interlíngua. Esta é uma categoria que universalmente se aplica em todos os casos de aprendizagem de uma L2, mas tem diferentes matizes, segundo as línguas. O português e o espanhol por sua proximidade linguística têm a capacidade de possibilitar certa compreensão, gerando nos estudantes, desde as primeiras aulas, a ilusão da proficiência linguística, como diz Serrani-Infante, Silvana (1994:80) *a princípio e apesar de incômodos e quiproquós, consideram estar se entendendo perfeitamente...* ou *“...un modo de estar en la lengua de otro al mismo tiempo que se permanece en el orden del discurso relativo al funcionamiento de la propia...”* (Zoppi-Fontana e Celada, p. 6).

Acreditamos que os enunciados apresentam uma série de problemas do tipo dos mencionados pelas autoras. Ao se tratar de um estudante que está iniciando o processo de aquisição da língua estrangeira, observamos que a enunciação vem acompanhada de um mecanismo de seleção linguística onde os conhecimentos prévios da língua materna cumprem um rol preponderante. Aliás, O aprendiz usará durante algum tempo intensamente os recursos da língua materna e sofrerá a influência constante de elementos pré-construídos. Segundo avança, constrói seu saber na LE e se dota de estratégias pragmáticas para o desempenho discursivo.

No entanto, embora acabe conhecendo os mecanismos básicos para o desempenho pragmático a polissemia permeia a linguagem de diferentes formações discursivas, instalando a multiplicidade de sentidos, portanto toda vez que é interpelado desde a língua estrangeira, se não possui o saber discursivo para completar a rede de significações, recorre à língua materna. Esse estar entremeio das duas semiosferas *materializa-se no intradiscurso em deslizes, mal-entendidos culturais, ou efeito de estranhamento, invenção de novas palavras e produção de significações, como um processo metonímico* (Celada, p.4).

Situação 2: Acesso aos sistemas de alusões implícitas á memória do dizer na L2

Pedro: Você não sabia que fumar faz mal pra saúde?

Alberto: **Um sabe** que não deve fumar, mas fuma igual.

Como podemos observar é no segundo enunciado onde ocorre um deslize, através do emprego do giro linguístico **uno sabe**, ao enunciar em português. É muito comum o uso dessa expressão em espanhol, sempre que se quer falar de ações realizadas por quem fala, mas que se enquadra em ações que podem ser executadas por muitas outras pessoas, é um jogo linguístico entre subjetividade/universalidade, exemplo: **uno es feliz** quando está apaixonado, **uno baila** sempre que tiver parceiro, **uno come** muito nas festas (neste contexto, o aluno quer dizer que ele o faz, mas que a maioria das pessoas também fazem). Para que surta o mesmo *efeito de sentido*, Pêcheux (1975:164) em português, o enunciado poderia ser formulado da seguinte maneira: **A gente sabe** que não deve fumar, mas fuma igual.

São comuns os deslizes como esses que podem ser interpretados de diferentes maneiras. Entretanto, cremos que a língua torna-se mais complexa quando falamos do uso de expressões como, por exemplo, a que nos ocupa: “**a gente**”. Em português, percebemos que a construção: a gente é usada como “curinga”, ocupando diferentes espaços na rede de significações. Isto resulta complexo para o estrangeiro, visto que não compartilha com os nativos “*la memoria del decir en la lengua*”. E é por isso que o estudante, por falta de conhecimento pragmático, não consegue assujeitar-se a ela e, portanto, aos sistemas de alusões implícitas: “*A relação da ordem simbólica com o mundo se faz de tal modo que, para que haja sentido, como dissemos, é preciso que a língua como sistema sintático passível de jogo – de equívoco, sujeito a falhas – se inscreva na história. Essa inscrição dos efeitos linguísticos materiais na história é que é a discursividade.*” Orlandi, Eni P. (2001:47).

Situação 3: Os deslocamentos simbólicos

Roberta: Te procurei ontem, onde foi?

Carolina: **Fomos com a Maria** pra casa da Márcia.

Ao escutar a maneira de enunciar de Carolina, o nativo diria: que esquisito, soa estranho. Por outro lado, se o enunciador solicitasse uma explicação gramatical do porquê soa estranho, o nativo talvez não soubesse responder, mas diria: “**nós falamos assim: Eu e a Maria fomos pra casa da Márcia**”.

Carolina pronunciou perfeitamente segundo a fonética do português, mas o início de sua enunciação está estruturado segundo a sintaxe do espanhol usado na argentina. Essa maneira de materialização do sentido é uma constante nos estudantes de português na Argentina.

Sabemos que os alunos de espanhol, quando devem produzir o **tu**, o **eu**, o **ele** e **eu** acompanhados, em estruturas linguístico-discursivas, não usarão o eu na frente, pois se o fizerem motivariam a pergunta: *El burro por delante?*

Este tipo de deslize e muitos outros semelhantes a ele persistem, além das “eternas” observações do docente, são sutis, não marcam uma grande diferença, como diria o nativo: **não está errado, mas a gente fala de outra maneira**. O falante de espanhol na sua constituição histórico-discursiva resiste-se às construções do português oral como: **eu e você**, **eu e ela**. Como diz Christine Revuz, o aluno já traz uma longa história com sua língua materna e esta história interferirá na sua maneira de abordar a língua estrangeira.

Situação 4: heterogeneidade do dizer, história, memória e formação discursiva: efeitos no sentido.

O texto a seguir é a transcrição de uma conversa, em uma reunião de trabalho, entre quatro professoras de português como língua estrangeira, residentes na Argentina. Duas delas são de origem brasileira (**Joice e Clara**) e duas de origem argentina (**Matilde e Patricia**). As quatro professoras não escapam à tradição: quando

se encontram brasileiros e argentinos a interação é conduzida, inevitavelmente, por detestáveis comparações entre os dois países. E ao se tratar de professores de língua, a conversa gira em torno de aspectos linguístico-discursivos:

Matilde: Ustedes usan más los pronombres personales que los artículos.

Joice: ¿Cómo, qué querés decir con eso?

Matilde: Que ustedes personalizan los objetos.

Patricia: Es cierto, por ejemplo si están hablando de un auto dicen: **ele é bonito**.

Matilde: Así es. Y nosotros diríamos: el auto es lindo.

Joice: ¿Qué te parece Clara?

Clara: No sé nunca lo había pensado así ...personificar los objetos.

Patricia: Cuando yo no hablaba bien portugués, mi amiga de Río de Janeiro casi me dejó loca, porque decía cosas como: **ela quebrou** – por la tele que se rompió, o: **ele é gostoso**, al hablar de un corpiño que le quedaba cómodo.

Joice: Yo no lo veo como una personificación. Y vos, Clara?

Clara: Tampoco, es la manera de hablar.

Matilde: Porque ustedes personifican.

Joice: Para mí pasa por una economía lingüística.

Clara: A mí también me parece, *é mais gostoso falar assim*.

Matilde: Puede ser ...porque en español damos muchas vueltas para hablar y veo que los alumnos hacen lo mismo cuando hablan portugués.

Joice: Sí. No les da la sensación de que a veces el habla sale rígida, dura, raspa, no desliza fácilmente?

Como podemos observar, a discussão era sobre se em português personificam-se ou não os objetos. É um assunto interessante de análise, porém o que nos ocupa aqui é a diferença de opinião entre as professoras, já que as nativas da língua tinham uma ideia totalmente diferente sobre o objeto, do que tinham as outras professoras, posicionadas como estrangeiras.

A situação 4 escolheu-se propositadamente para refletir sobre o fato de que não estamos falando de equívocos que se materializam no enunciado como

transferências, deslizes fonéticos, analogias. Trata-se **da heterogeneidade do dizer implícita na memória, na história do dizer, segundo formação discursiva dada.**

Consideramos que as características do português, que citam as professoras argentinas ao compará-lo com o espanhol, podem estar relacionadas com as formas da oralidade do português do Brasil, que devido aos processos sócio-históricos do país se tornaram mais coloquiais, afastando-se bastante das normas gramaticais. O espanhol, pelo contrário, mais fiel às normas, é conservador. Embora sejam línguas próximas, estão imersas em um contexto social atravessadas pela história de cada contexto-nação.

“Nossa hipótese central consiste em afirmar que, de forma geral e como efeito de um processo de colonização e de formação de uma nação, a subjetividade do brasileiro suporta uma não-continuidade entre escrita e oralidade, obrigando, sob a forma de uma contradição, uma relação marcadamente desigual a respeito delas. No processo de aprendizado de espanhol essa contradição será fortemente afetada, ou melhor, ativada e reavivada.” (Celada, 2003: 88)

O importante aqui também é refletir sobre o fato que cada grupo interpretava desde seu imaginário social, posicionado desde sua formação discursiva. (Zoppi-Fontana e Celada, p.14) falam da subjetividade argentina e da brasileira, a subjetividade da linguagem conduz ao *cruce/contradicciones de dos posiciones de sujetos delimitadas en espacios de enunciación diferentes y determinadas por los procesos históricos de dos formaciones sociales distintas, materializados como efectos de interdiscurso en los enunciados efectivamente pronunciados”.*

3- Considerações finais

Atentos à concepção sobre sentido de Michel Pêcheux (1975) consideramos duplamente complexa a produção de sentido na língua estrangeira, dado que o sentido não existe em si mesmo no seu relacionamento transparente com a literalidade do significante, pelo contrário, é determinado pelas posições ideológicas em jogo no processo sócio-histórico, no qual, as palavras, os enunciados, são produzidas, ou seja, reproduzidos, segundo as posições sustentadas por aqueles que os enunciam.

A produção do sentido na língua estrangeira nunca é um fato menor, por um lado pela história do sujeito com a língua materna, por outro pelos elementos pré-construídos que fazem ao conhecimento lingüístico-discursivo dessa história que age de maneira praticamente inconsciente nas práticas discursivas. Para completar o sujeito encontra-se com a complexidade desse grande Outro, que está atravessado pela subjetividade, pela polissemia e multiplicidade de sentidos, muitas vezes desconhecidos por ele, tanto que toda vez que é interpelado desde a língua estrangeira, se não possui o saber discursivo para completar a rede de significações, recorre à língua materna.

A aquisição da L2 (proficiência nessa língua) supõe virar um pouco Outro, isto é, conseguir se identificar no discurso da cadeia do simbólico que a demanda da outra língua impõe. O professor, como *sujeito “dono de seu discurso”* na língua estrangeira, é quem vincula e orienta o aluno à memória discursiva da língua-alvo, levando-o a reflexionar sobre as diferentes situações lingüístico-discursivas com que dita memória opera, para que, através da tomada de consciência possa incorporar ao seu patrimônio semiótico o conhecimento discursivo que possibilite a citada operatória.

Bibliografia

- BRANDÃO, Helena H. Nagamime, 2002, *Introdução à análise do discurso*, Campinas, Editora da UNICAMP.
- CELADA, M. T. 2004, *Língua estrangeira e subjetividade*, em GEL Estudos Lingüísticos XXXIII (Versão digital). Campinas: Unicamp, ISSN 1413 0939, seq. Mesas-redondas.
- _____. 2004, *Brasil/Argentina. Acerca de ciertas formas de exponerse a la alteridad*. In: Actas de Congreso Internacional de Políticas Culturales e Integración Regional. (versión digital). Buenos Aires: FFyL/UBA.
- _____. *Aspectos da subjetividade do brasileiro especialmente convocados no processo de aprendizado de espanhol*. Sínteses – Revista dos Cursos de Pós-graduação. Vol 8-2003. Pp. 13
- FANJUL, Adrián, 2002, *Português e espanhol: Línguas próximas sob um olhar discursivo*. São Paulo, Claraluz.
- GUIMARÃES, E, 2002, *Semântica do CONTECIMENTO*, Campinas, Pontes.
- GREGOLIN, Maria do Rosário, 2003, *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*, São Paulo, Claraluz.
- ILARI, Rodolfo e BASSO, Renato, 2006, *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*, São Paulo, Contexto.
- LOTMAN, IURI M, 2000, *La Semiósfera III. Semiótica de las artes y de la cultura*, Madrid, Ediciones Cátedra.
- _____. 1998, *La Semiósfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*, Madrid, Ediciones Cátedra
- _____. 1996, *La Semiósfera I. Semiótica de la Cultura y del Texto*, Madrid, Ediciones Cátedra.
- MOITA LOPES, L. P., 1996, *Oficina de Lingüística Aplicada*, São Paulo, Mercado de Letras.
- ORLANDI, Eni, 2002, *Língua e conhecimento lingüístico*, São Paulo, Cortez.
- _____. 2001, *Análise de Discurso. Principios & Procedimentos*, São Paulo, Pontes.
- _____. 1996, *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*, São Paulo, Vozes.
- PAYER, M. O, 2006, *Memória da língua. Imigração e nacionalidade*, São Paulo, Ed. Escuta.

PÊCHEUX, M, 1975, *Semântica e Discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*, 1988 (Trad. De Eni P. Orlandio, Lourenço Ch. Jurado Filho, Manoel L. Gonçalves Correa e Silvana Serrani, 1998) Campinas, Editora da UNICAMP.

_____. *O discurso. Estrutura ou acontecimento*, (Trad. De Eni P. De Orlandi, 1990), São Paulo, Pontes.

REVUZ, Christine: *La lengua extranjera entre el deseo de un lugar diferente y el riesgo del exilio*. Tradução de Silvana Serrani-Infante, 1998. Texto publicado originalmente em francês, na revista *Educación Permanente*, 107, Paris, 1992.

SERRANI-INFANTE, S. 1994, *Análise de ressonâncias discursivas em micro-cenas para estudo da identidade lingüístico-cultural*, em *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Campinas, nº 24, jul-10.

_____. 1998, *Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso*, em SIGNORINI, I. (org.), *Linguagem e Identidade*, Campinas, M.Letras/S.Paulo, Fapesp.

VILLAÇA KOCH, Ingedore e ELIAS, Vanda Maria, 2006, *Ler e compreender: os sentidos*, 2 ed. São Paulo, Contexto.

Volshinov, Valentin, 1976, *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje*, Buenos Aires, Nueva Visión.

ZOPPI-FONTANA, M. e CELADA, M. T. 2005, *Sujetos desplazados, lenguas en movimiento: identificación y resistencia en procesos de integración regional*, em *ELA (UNAM)*, nº 42.

O subentendido como elemento significativo na compreensão e produção de sentido dos enunciados

NÚÑEZ, Claudia Floriana

Introdução

Este trabalho faz parte dos estudos feitos no Projeto de Pesquisa sobre efeitos de sentido. O objetivo do mesmo é abordar, segundo a teoria de Bakhtin⁶, o subentendido no discurso. Inicialmente falamos do enunciado e seus elementos extra verbais e verbais, logo continuamos com a apresentação das propriedades do subentendido. Finalmente definimos este tipo especial de discurso valorizando-o como uma categoria linguística necessária para a comunicação que põe em jogo o conhecimento do implícito cultural compartilhado pelos sujeitos de uma comunidade. Por último refletimos sobre a importância de levar ao aluno à percepção das singularidades da língua estrangeira como conhecimento indispensável para a decodificação das mensagens discursivas.

1 Os elementos extra verbais do enunciado

Todo enunciado possui um sentido e um conteúdo, mas se o sujeito do discurso não conhece a circunstância na qual se produz o mesmo, o sentido terá para cada um de nós um significado diferente. Um mesmo enunciado poderá causar efeito de alegria ou de tristeza. Isto é, nossa resposta estará condicionada a nossa compreensão. As palavras têm vários significados e todos estão relacionados ao sentido global do enunciado. Esse sentido depende das circunstâncias imediatas que o suscitaram e das causas sociais que o originaram.

Todo enunciado está constituído de duas partes: uma parte verbal e uma parte extra verbal, por exemplo, o que significa: *droga* numa conversa cotidiana? Se procurássemos o significado da expressão no dicionário encontraríamos: medicamento. Mas esse significado não esclareceria o sentido da frase inteira, nem do

⁶ - A teoria sobre o enunciado de Bakhtin foi extraída do texto de TODOROV, Tzvetan: *Mikhail Bakhtin. O Princípio Dialógico. Os escritos do círculo de Bakhtine*. Éditions du Seuil, 1981 Jacob 27, Paris VIº

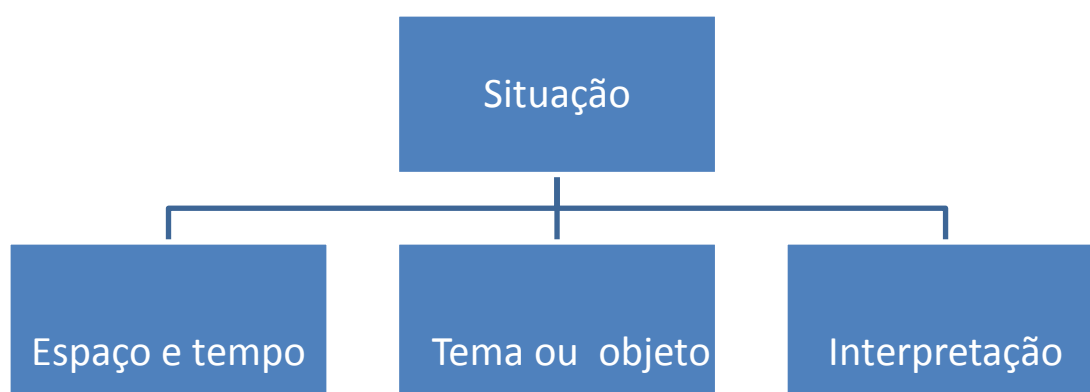
enunciado. Porém, dentro de uma interação comunicativa a expressão tem sentido porque forma parte de um contexto determinado.

Segundo Bajtín a expressão oral consta de dois elementos: **o sonoro** e **a reação orgânica**. A primeira parte deste diálogo está constituída pela expressão droga! a segunda pela reação orgânica (os gestos e o rosto vermelho).

Ignoramos onde e quando se produz o diálogo, não sabemos seu objeto, e também desconhecemos a relação dos interlocutores com esse objeto, nem suas interpretações sobre ele. As expressões são compreendidas na medida em que são parte de um contexto, portanto existem elementos extra verbais que ajudam a compreender o significado dos enunciados:

- **O espaço e o tempo do fato,**
- **O objeto do enunciado** (sobre o que se fala)
- **A posição dos interlocutores frente aos fatos** (interpretação).

Bakhtin chama este conjunto de três elementos: **situação**.



As diferentes situações determinam os sentidos de uma mesma expressão verbal, e a interpretação contém o elemento ideológico que é refletido no enunciado, portanto, se mudássemos a situação de comunicação o sentido da expressão seria

outro. Observamos então que a situação cumpre um papel predominante na formação do enunciado.

2 Os elementos verbais do enunciado

De acordo o que mencionamos anteriormente, o sentido dado ao enunciado depende da situação, ela determina a orientação social do ouvinte que participa da mesma. Quando analisamos um enunciado, nos centramos na relação entre a **situação**, a **forma verbal** do enunciado e seu **auditório**. Os elementos verbais fundamentais que organizam o enunciado são:

- **a entonação**
- **a eleição das palavras**
- **a disposição das mesmas no enunciado completo.**

A situação e o auditório determinam a entonação, mediante ela se escolhem as palavras e se dá sentido ao enunciado. A entonação estabelece uma relação entre o locutor e o ouvinte. Dá sentido geral e significação global ao enunciado. Uma mesma palavra ou expressão toma um significado diferente segundo sua entonação. Um palavrão, dependendo da situação, pode virar uma expressão gentil.

De acordo com Bajtín, cada vez que o homem se comunica, seu corpo inteiro é percorrido pela entonação, além dela, os movimentos e os gestos contribuem para a expressão de ideias e sentimentos.

A modificação do auditório provoca mudanças na orientação social do enunciado. Isto é, não se fala da mesma maneira ao chefe que ao colega de trabalho. Esta mudança é consequência da situação e do auditório, e não é refletida simplesmente na entonação, mas também na eleição das palavras e na disposição delas nos enunciados. Não devemos esquecer que a entonação representa uma interpretação do auditório. Cada entonação exige uma palavra correspondente e adequada e determina a posição da mesma na fala.

Por exemplo, se organizamos um jogo de futebol com nossos colegas de trabalho e chove, provavelmente surjam comentários do tipo:

-“Puxa vida que tempinho chato ! Acabou a festa!” (fazendo gestos com as mãos)

Se a conversa fosse com o chefe, a situação seria diferente e automaticamente mudaríamos as expressões e o tom e não faríamos muitos gestos. O enunciado poderia ser o seguinte:

-“Que pena, o tempo não está bom, a gente vai ter que suspender o jogo de futebol”.

A conversa cotidiana está cheia deste tipo de situações comunicativas. A eleição é quase inconsciente. Mudamos o campo, o teor e o modo às vezes que for necessário.

3 O subentendido

Além dos elementos fundamentais, apresentados por Bajtín, que dão sentido ao enunciado, temos outros componentes implícitos sumamente importantes para o processo comunicativo: a significação e o sentido.

De acordo com a pragmática, o enunciado possui dois componentes: **um linguístico** (significação) e outro **retórico** (sentido) do enunciado.

O componente retórico divide-se também em dois componentes:

O primeiro se dedica aos valores referenciais e argumentativos e

o segundo combina os significados com as circunstâncias de enunciação.

O resultado do segundo componente retórico são os diversos "efeitos de sentido" ou “subentendidos” que o falante dá a entender no seu discurso.



Ducrot define o sobreentendido como:

“A maneira pela qual o destinatário decifra o sentido do enunciado” ...” o qualificativo subentendido caracteriza a maneira na qual um elemento semântico é introduzido no sentido. (1984: 15).

Segundo Moeschler: *“Qualquer inferência que o emissor pretende transmitir a partir de um enunciado explícito diferente”.* (1994: 292)

De acordo a esta definição o subentendido não aparece na intenção comunicativa do locutor. Não "subentende" o falante, senão o ouvinte.

Considerando esta definição seriam exemplos de subentendido as seguintes frases:

1) Só veio um professor à reunião	(esperávamos que viessem mais)
2) Seu irmão é casado?	(estou interessada nele)
3) Estou com frio	(alguém me empresta um agasalho?)
4) Alguém veio de carro	(estou precisando que alguém me leve pra casa)

Observamos aqui as informações transmitidas e as intenções ocultas.

- 1) No primeiro caso trata-se de uma reunião de professores numa escola e é a diretora quem assume o rol de emissora. Como ela não quer falar diretamente o que pensa, dá a entender sua verdadeira mensagem através de um subentendido.
- 2) No segundo caso trata-se de uma conversa entre duas amigas. Pelo que podemos deduzir, uma delas está interessada no irmão da outra, neste caso o subentendido é evidente: “gosto do seu irmão”.
- 3) No terceiro caso a pessoa não quer pedir diretamente que alguém lhe empreste um agasalho por isso prefere falar que está com frio.
- 4) No quarto caso a pessoa gostaria que alguém a leve de carro para sua casa mas não quer pedir diretamente o favor.

O subentendido é utilizado naturalmente na vida cotidiana. Forma parte da nossa linguagem e marca a cumplicidade na comunicação. Existe na língua materna e na segunda língua. Em algumas situações é tão sutil que precisamos do esclarecimento dos interlocutores, outras é tão evidente que até chega a ser grosseiro.

Porém é realmente problemático quando ocorre na segunda língua e dificulta a compreensão. Num diálogo, a incompreensão de um enunciado leva à falta de resposta. Existem ocasiões nas quais os interlocutores que não compreenderam o discurso se sentem frustrados por este tipo de situações e embora conheçam a língua se consideram incapazes de responder. Por exemplo, se em uma conversa ouvimos que um dos interlocutores fala para o outro:

“Em boca fechada não entra mosca”

Podemos deduzir que esse interlocutor não quer que o outro fale. A tradução do refrão seria: *Não fale!* Neste caso se trata de um refrão, uma categoria linguística que sempre tem alguma coisa implícita.

Neste tipo particular de enunciado adquirem especial relevância a **entonação** e os **silêncios**. O interlocutor coloca ênfase em algumas expressões ou faz pausas entre uma expressão e outra de acordo àquilo que deseja expressar. Estes fenômenos supra-

segmentares facilitam a compreensão dos significados e são elementos dos quais se serve o emissor para avisar ao ouvinte que sua mensagem tem alguma coisa de subentendido.

Em algumas situações o subentendido mostra a cumplicidade entre os interlocutores, em outras se transforma num elemento que reforça a coesão social entre esses falantes em oposição ao resto que não participa da mesma cumplicidade.

Por exemplo: dois amigos se associam para comprar um caiaque e vão a uma loja. No momento no qual perguntam o preço o dono da loja lhe dá uma cifra inatingível, os garotos não falam nada somente se olham, mas esse olhar vale mais que mil palavras.

Na verdade não podemos saber exatamente o que pensou cada um deles. Poderíamos inferir que os dois pensaram que o comerciante quis se aproveitar deles ou que o dinheiro que tinham não era suficiente. Mesmo assim o silêncio cúmplice valeu mais que qualquer expressão.

4 Elementos do subentendido

Com o horizonte espacial comum e a avaliação comum, se conforma o **subentendido** que é a parte não verbal de toda comunicação. Se analisarmos cada um desses elementos observaríamos que podem mudar, e cada mudança significa uma mudança do subentendido. O subentendido não é estável, pode mudar e desse jeito modificar o conteúdo do dito. Aqui temos exemplos dessas mudanças:

- **O horizonte espacial comum:** quando a conversa é telefônica não se compartilha o mesmo espaço. Neste caso, muitas vezes se faz referência ao enunciado (o dito) ao lugar onde cada um se acha.

Uma mãe liga para sua casa ao meio dia e pergunta para a empregada: o que você está fazendo? Ela responde “estou brincando com as crianças enquanto cozinho”. Se a empregada tivesse respondido somente “estou brincando com as crianças” a mãe teria pensado que ela não estava cumprindo com suas obrigações. Se a mãe e a empregada tivessem compartilhado o mesmo horizonte espacial a resposta teria sido

diferente. Isto é uma mudança mínima no subentendido pode modificar o conteúdo da conversa.

- **O saber comum:** Quando não se compartilha um saber comum é frequente o mal-entendido.

O saber comum é o campo propício para o subentendido, porém se num grupo não se compartilham os mesmos códigos será o mal-entendido o problema central do ato comunicativo. Na Argentina especialmente em Buenos Aires “la capi” como falam os portenhos é usual que entre os homens se cumprimentem falando: ¡¡Que hacés fier!! no lugar de ¿Cómo andás?. Cumprimentar alguém falando de fera não é ofensivo, pelo contrário denota a confiança e o carinho entre os amigos, porém se alguém não compartilhasse os mesmos códigos poderia se sentir ofendido se o cumprimentassem chamando de “fera”.

- **A avaliação comum:** a opinião compartilhada muitas vezes tem a ver com o grupo ao qual pertencem os participantes da conversação, às vezes são pessoas que tem a mesma idade, vão aos mesmos lugares ou gostam das mesmas coisas. Com certeza estes grupos reagirão do mesmo jeito e terão as mesmas opiniões.

Quando as pessoas se comunicam compartilham: idéias, conhecimentos, informações e intenções, não dão somente uma informação mas também um juízo de valor do fato ao qual se referem. Tem lugares nos quais não se brinca com temas religiosos ou raciais porém tem outros que preferem estes temas para fazer brincadeiras.

Na conversação a avaliação também se faz através do tom, este elemento paralinguístico indica se trata de uma brincadeira ou se está falando a sério. Para contar uma piada que seja entendida pelo auditório é preciso compartilhar um subentendido.

- **O tom:** O tom cumpre um rol muito importante na comunicação, está na voz, mas também na frase e nas palavras que empregamos. Pelo tom sabemos se uma pessoa está zangada ou alegre. Às vezes não é tão importante o que se fala senão como se fala. O tom aparece também nas palavras carregadas de subjetividade, por exemplo, os diminutivos, estas expressões poderão ser

utilizadas com ternura ou ironia dependendo da situação. Por exemplo, falar “queridinha” em algumas circunstâncias não terá o mesmo significado que falar “querida”

5 Propriedades do subentendido

Como mencionamos, no subentendido quem concede valor semântico ao enunciado é o receptor. Por isso às vezes o falante fracassa quando emprega o subentendido, pois se baseia na recepção antecipada do seu próprio enunciado.

Em algumas ocasiões podemos nos comunicar utilizando o subentendido e se o interlocutor se sente ofendido, alegar que nossa intenção não era essa. Assim, fazemos de conta que não queríamos falar isso. Essa característica, de acordo com Ducrot (1977) recebe o nome de “**adlocutividade**”.

Esse caráter adlocutivo do subentendido tem duas consequências: a **opcionalidade** e a **indeterminação**.

- **A opcionalidade:** se produz quando o ouvinte compreende o sobreentendido, mas o ignora ou finge não tê-lo compreendido.
- **A indeterminação:** se dá quando nos expressamos com enunciados subentendidos e não sabemos exatamente o grau de compreensão que terá o interlocutor para decifrá-los.
- **A Insinuação:** é um tipo especial de subentendido que supõe uma intenção ofensiva ou maliciosa do falante. Tem casos em que a ofensa tem como resposta a indiferença do ouvinte: “não ofende quem quer senão quem pode”.
- **O mal-entendido:** surge quando o receptor seleciona um enunciado que não é o que pretendia o falante. Isto é, quando ofendemos sem querer.

6 Subjetividade: o papel na compreensão do subentendido.

Desde a perspectiva da Análise do Discurso para a aprendizagem de uma língua estrangeira é necessário ter em conta a subjetividade do aprendiz. Segundo Pêcheux:

“a língua estrangeira será tomada em redes de memória, dando lugar a filiações identificadoras, deste modo o discurso do sujeito e seus saberes estarão estreitamente relacionados a todo um sistema de alusões, implícitos, pressupostos linguísticos, culturais e históricos”.

Serrani-Infante no seu estudo identificações no discurso acrescenta outros elementos como: posição sócio-histórica do indivíduo e sua memória discursiva individual. A conjunção destes fatores é constante e condiciona o processo de aprendizagem.

Ao entrar no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, o sujeito revive a relação com sua própria língua, significados, ideologias, tabus, preconceitos e interpretações, variáveis que aparecerão com certeza na aprendizagem da segunda língua.

Poderiam estes preconceitos e interpretações influir na decodificação das mensagens implícitas? Isto é, toda essa bagagem de conhecimentos e ideias não representariam uma dificuldade para a compreensão deste tipo especial de discurso? Para Revuz:

“a aprendizagem da língua estrangeira relaciona o saber com o ser inteiro no processo no qual “o sujeito se autoriza a falar em primeira pessoa” e põe em jogo a estruturação psíquica na qual a linguagem é simultaneamente matéria e instrumento. Deste modo a aprendizagem de uma nova língua perturba e tira do eixo tudo aquilo que o falante adquiriu com a língua materna. (não somente o lingüístico também as sensações, impressões, atitudes e lembranças)”.

Podemos dizer, portanto, que o processo da aprendizagem/aquisição da língua estrangeira, sempre gera conflito, porque o aprendiz tem sua história própria com a língua materna e tentará construir uma nova com a língua estrangeira. Esta nova história será construída com símbolos e processos imaginários, com ideias, perspectivas e novas crenças. Estes fatores serão marcantes na relação entre o aprendiz e a nova língua.

7 Reflexões sobre a percepção do subentendido na língua estrangeira.

Terá o estrangeiro a capacidade de compreender o subentendido? Haverá uma possibilidade que o docente de línguas estrangeiras oriente aos seus “alunos-

professores” a percebê-lo? Sem dúvidas o subentendido é um componente importante para completar o significado dos enunciados. Ele põe em jogo o conhecimento do implícito cultural que subjaz na relação dos interlocutores, não é convencional nem conversacional, sua existência é ratificada pelo uso linguístico cotidiano e sua importância é relevante para estabelecer a comunicação.

Geralmente os métodos de ensino de uma língua estrangeira estão repletos de diálogos com situações ideais de comunicação: um bar, uma escola, uma instituição pública determinada, etc.

O que acontece quando as situações ocorrem em outros contextos que não sejam a sala de aula? Isto é quando alguém tem que falar na língua estrangeira em diferentes situações: ao se machucar, quebrar um copo num restaurante ou bater com o carro na rua. Este tipo de situações não é contemplado nos livros, somente se ensina o ideal, o que acontece sempre, o previsível das situações. Não há métodos de ensino que possam ser utilizados de maneira geral, que nos ajudem ou nos oriente a trabalhar com os alunos, o imprevisto.

Nossos “alunos- professores” deverão reconhecer a importância deste tipo de enunciados que surgem instantaneamente e não são previsíveis, mas que contribuem ao sentido global e à compreensão discursiva.

Uma palavra tem vários significados, traz sempre alguma coisa implícita e pode variar de acordo à situação “real” na qual se encontre. Conhecer as normas linguísticas não basta é preciso desvendar a informações implícitas que surgem nas relações que se estabelecem no ato enunciativo. Para as que devem ser considerados os seguintes elementos: variáveis e combinações entre o emissor e o receptor, os horizontes espaciais e temporais, os objetivos dos falantes, as características do contexto, as convenções gestuais, as imagens socialmente estereotipadas e os traços significativos do entorno comunicativo.

O contato com nativos, a leitura de romances, a televisão, as histórias em quadrinhos, a música, isto é, toda manifestação cultural da segunda língua contribuirá a treiná-los no campo discursivo do implícito.

BIBLIOGRAFÍA

- ANSCOMBRE, Jean-Claude y DUCROT, Oswald (1983): *La argumentación en la lengua*, Madrid: Gredos.
- BERTUCCELLI, Marcella (1995): *¿Qué es la pragmática?*, Barcelona: Paidós, 1996. Traducción de N. Cortés López.
- CALVO, Julio (1989): *Formalización perceptivo-topológica de la pragmática liminar. Hacia una pragmática natural*, Murcia: Cátedra.
- CALVO, Julio (1994): *Introducción a la pragmática del español*, Madrid: Cátedra.
- CELADA, M.T. (2002): O espanhol para o brasileiro. Uma língua singularmente estrangeira. Campinas,. Tese de doutorado – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- DUCROT, Oswald (1969): "Presupuestos y sobreentendidos" en *El Decir y lo dicho. Polifonía de la enunciación*, Barcelona: Paidós, (15-33). Traducción de Irene Agoff.
- ESCANDELL, M.V. (1993): *Introducción a la pragmática*, Barcelona: Anthropos-UNED.
- GALLARDO, Beatriz (1992): "El dinamismo conversacional: subsunción y feed-back. Carácter acumulativo de los elementos conversacionales", *Comunicación y Sociedad*, Vol. 5, Nums 1 y 2 (51-75)
- (1996): "El sobreentendido", *Pragmalingüística* 3-4, pp. 351-381. ISSN: 1133-682X
- GOLDCHUK, Graciela y DELGADO, Verónica (2007) *La conversación: entre lo que se dice y lo que se calla*. Educar. EL Portal Educativo del Estado Argentino.
- GUTIÉRREZ, Salvador (1995): "Sobre la Argumentación", en González Calvo, J.M. y Terrón González, J. (eds): *Actas de las III Jornadas de Metodología y Didáctica de la Lengua y Literatura españolas: Lingüística del Texto y Pragmática*, (91-120), Salamanca: Universidad de Extremadura (I.C.E.).
- HASHIGUTI, Simone Tiemi. (2003) *Subjetividade brasileira e aprendizagem de línguas estrangeiras: um estudo discursivo* - Campinas, SP: [s.n.].
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1986): *L'implicite*, Paris: Armand Colin.
- LAVANDERA, Beatriz (1985): *Curso de lingüística para el análisis del discurso*, Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.

MELMAN, CH. (1992) Imigrantes. Incidências Subjetivas das Mudanças de Língua e País. (Trad.por Rosane Pereira.) São Paulo: Escuta

MOESCHLER, Jacques (1994 e): "Présuppositions sémantiques et pragmatiques", en Moeschler, Jacques y Reboul, Anne: *Dictionnaire Encyclopédique de Pragmatique*, Paris: Seuil, (225-250).

ORLANDI, E. (1996) Interpretação. Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Rio de Janeiro: Vozes

ORLANDI, E. (2000)Análise do discurso. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes.

ORLANDI, E.(2001)Apresentação. In _____. (org.) História das idéias lingüísticas. Construção do saber Metalingüístico e Constituição da Língua Nacional. Campinas/Cáceres: Pontes/Unemat, p.7-20,.

ORLANDI, E.(2002)Língua e conhecimento lingüístico. São Paulo: Cortez.

PÊCHEUX, M. (1988) Semântica e discurso. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. (Trad. por Eni P.Orlandi, Lourenço Ch. Jurado Filho, Manoel L. Gonçalves Corrêa e Silvana Serrani.)

Campinas: Editora da Unicamp (Original em francês: Les vérités de la Palice. 1975)

PÊCHEUX, M. (1990) O discurso. Estrutura ou acontecimento. (Trad. por Eni Orlandi.) Campinas: Pontes. (Ed. inglesa: Discourse: Structure or Event? In: Nelson, C. & Grossberg, L. [eds.]Marxism and the interpretation of culture. Illinois University Press, 1988.)

PEREIRA DE CASTRO, M.F (1988) Língua materna: palavra e silêncio na aquisição da linguagem. In: Junqueira Filho, L.C.U. (org.). *Silêncios e luzes. Sobre a experiência psíquica do vazio e da forma*. São Paulo: Casa do psicólogo, p. 247-57

REBOUL, Anne (1994 b): "Interprétation vériconditionnelle des énoncés: forme logique versus forme propositionnelle, encodage et inference", en Moeschler, Jacques y Reboul, Anne: *Dictionnaire Encyclopédique de Pragmatique*, Paris: Seuil, (105-128).

REVUZ, Christine: *La lengua extranjera entre el deseo de un lugar diferente y el riesgo del exilio*. Tradução de Silvana Serrani-Infante, 1998.Texto publicado originalmente em francês, na revista *Educación Permanente*, 107, Paris, 1992.

SEARLE, John (1986): *Actos de habla. Ensayo filosófico del lenguaje*, Madrid: Cátedra

SERRANI, INFANTI, S. (1993) A linguagem na pesquisa sociocultural. Um estudo da repetição na discursividade. Campinas: Editora da Unicamp.

SERRANI-INFANTE, S. (1994) Análise de ressonâncias discursivas em micro-cenas para estudo da identidade lingüístico-cultural. In Trabalhos em Lingüística Aplicada (Campinas). v. 24, p. 79-90, 1994.

SERRANI-INFANTE, S. (1998) Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In SIGNORINI, I.(org.). Língua(gem) e identidade. Campinas: Fapesp/Faep/Mercado de Letras, p. 231-264.

SPERBER, Dan y WILSON, Deirdre (1986): *La relevancia*, Madrid: Visor.

TAVARES, C.N.V. (2002) Entre o desejo e a realização? Caminho e (des) caminhos na aprendizagem de língua estrangeira. Tese de Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Uberlândia, UFU.

TODOROV, Tzvetan (1981): *Mikhail Bakhtine. El principio dialógico, Os escritos do círculo de Bakhtine*. Éditions du Seuil, Jacob 27, Paris VI^e (Trad. Claudia Núñez)

VOLOSHINOV, Víctor (1976) *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje*, Buenos Aires, Nueva Visión.

**Recuperação da Memória dos Dizeres: Os Provérbios como recurso didático
nas Aulas de Português
Língua Estrangeira**

TRICHES Simone Maria
CARISSINI DA MAIA Ivone

Introdução

Os processos de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira são muito complexos e superam a simples tradução de estruturas pré-armadas. Para se tornar comunicativamente competente, o aprendiz deve poder ingressar na rede de significações próprias da cultura da língua alvo. Isso supõe conceber o discurso desde suas dimensões sócio históricas e ideológicas. Para isso, o professor pode utilizar uma diversidade de recursos, como por exemplo, os provérbios. Estas expressões, que circulam na memória coletiva universal e transmitem valores morais podem ser um instrumento para estes processos, quando utilizadas em situações comunicativas reais ou que simulem as reais.

O objetivo do presente trabalho é enquadrar os provérbios em um marco teórico e apresentar uma análise comparativa destas expressões, em português e espanhol. Também se realizam algumas sugestões de uso dos mesmos, como recursos pedagógicos provocadores para a sala de aula de português como língua estrangeira.

1. Reflexões teóricas

Os provérbios são frases universais, da sabedoria popular. Permanecem e são transmitidos através das gerações. Assim, refletem um sujeito que usa uma linguagem onde ambos, sujeito e linguagem, estão formados por uma história e atravessados por uma ideologia. Além disso, pertencem à ordem do discurso de uma comunidade, e são parte da memória coletiva, de onde são resgatados como “o já-dito”. Nas palavras de Maingueneau:

O provérbio é uma asserção sobre a maneira como funcionam as coisas, sobre como funciona o mundo, dizendo o que é verdadeiro. O enunciador apóia-se nele para introduzir uma situação particular em um quadro geral preestabelecido, delegando ao co-enunciador a tarefa de determinar a relação existente entre os dois.

(Maingueneau, 2002: 171)

De acordo com Villaça Koch, na construção da mencionada memória coletiva estão comprometidos os seguintes princípios:

- a) Ativação: um referente textual até então não mencionado, é introduzido e se incorpora na rede conceitual do modelo de mundo textual.
- b) Reativação: um referente já introduzido é ativado novamente na memória operacional, através de uma forma referencial construída permanentemente.
- c) Desativação: do referente anterior a um novo.

A repetição constante de tais procedimentos estabiliza o modelo textual, mas por outro lado, ele também é continuamente elaborado e modificado através de novos referentes.

Na perspectiva da análise do discurso, os provérbios são considerados frases curtas, estruturalmente coerentes, sintaticamente autônomas, que não podem ser reduzidas ou reformuladas sem com isso provocar a perda de seu sentido original. No seu uso, há uma relação indissociável entre interação social e enunciado. Isto é o que faz com que se atualizem e se mantenham sempre vigentes. No discurso, possuem uma forma cristalizada, fixa. Em termos retóricos, pode-se dizer que neles há uma marcada presença de figuras de linguagem, como a metáfora. Orlandi (1996:21) considera que a metáfora “*está na base da significação*”, e que a produção de sentidos não ocorre de forma literal, mas no processo de transferência, de substituição de uma palavra por outra. É o sujeito quem interpreta influenciado pela história, pela memória coletiva, pelos usos sociais. É importante destacar que os provérbios, de maneira geral,

podem ter diferentes funções, de acordo ao contexto em que são utilizados: persuasão, descrição, repressão, etc., entretanto, a maioria deles tem um fundo moral.

Ducrot (1989) considera que os provérbios são frases que possuem valor argumentativo. Ao tratar o tema dos *topói*, menciona três propriedades: são universais, gerais e graduais. Estas propriedades se cumprem nos provérbios, já que são aceitos e compartilhados por uma comunidade linguística e formam parte de seus conhecimentos implícitos. Além disso, podem ser utilizados com idêntico valor em diferentes situações. A verdade contida neles é de caráter geral, assim, mostram princípios relacionados com estas verdades, aceitos culturalmente, que circulam no imaginário social, como por exemplo: honestidade, paciência, caridade, que dão sentido às relações entre os indivíduos e sua conduta.

Na dimensão pragmática, o provérbio é um discurso referido e polifônico. Tem um fundamento moral, que o faz persuasivo. Funciona como um conselho, uma advertência. O que o enunciador procura no ato comunicativo é convencer o outro de algo, utilizando a estratégia das frases argumentativas. Guimarães (2002) afirma que os enunciadores não são pessoas, mas lugares do dizer das cenas enunciativas. Assim, considera os emissores de provérbios como enunciadores genéricos, já que com seu uso há um apagamento do lugar social individual. Não possuem uma fonte específica, além disso, retomam a palavra de outros, revivem a opinião das vozes populares.

Os provérbios produzem efeitos de sentido que apontam ao resgate de normas de comportamento aceitos social e culturalmente. Desta forma, para os falantes de um idioma, e devido à sua forma cristalizada, dificilmente se produzem equívocos interpretativos no seu uso. No entanto, nos processos de ensino de uma língua estrangeira (L.E.), não compartilhar a mesma ideologia e história podem ser fatores que criem efeitos de sentido não sempre compatíveis com os produzidos pelos usuários em língua materna. Estes fatores, que são específicos, se materializam no discurso e podem torná-lo opaco, principalmente no caso de sujeitos imersos no contexto de outro idioma.

2. Breve lista de provérbios em português e seu correspondente em espanhol: Análise contrastiva.

Português	Espanhol
• Filho de peixe, peixinho é.	• De tal palo, tal astilla.
• Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.	• Tanto va el cántaro a la fuente, que al fin se rompe.
• Viver como um marajá/ rei.	• Vivir a cuerpo de rey.
• Sair à francesa/ de fininho.	• Salir por la puerta trasera.
• Aos trancos e barrancos.	• A duras penas.
• Tomar tudo ao pé da letra.	• Tomar todo al pie de la letra/a rajatabla.
• Defender com unhas e dentes.	• Defender con uñas y dientes/ Defender a capa y espada.
• Não abrir a mão/ ser unha de fome/ ser mão de vaca.	• Ser tacaño.
• Deus ajuda a quem cedo madruga.	• A quién madruga Dios lo ayuda.
• Pisar no calo/ mexer na ferida.	• Ver donde aprieta el zapato.
• Estar com a barra suja.	• Estar metido en líos.
• Buscar chifre em cabeça de boi.	• Buscar la tercera pata al gato
• Cair como uma luva.	• Como anillo al dedo.
• Para bom entendedor, poucas palavras bastam.	• A buen entendedor pocas palabras bastan.
• O pior cego é o que não quer ver.	• No hay peor ciego que el que no quiere ver.
• Quem semeia vento, colhe tempestade.	• Quien siembra vientos, cosecha tempestades.
• Os olhos do dono é que engordam o porco.	• El ojo del amo engorda al ganado.
• A ocasião faz o ladrão.	• La ocasión hace al ladrón.

- Quem vai ao ar, perde o lugar.
- Mortalha não tem bolso.
- Não se chora pelo leite derramado.
- Nunca falta um chinelo velho para um pé cansado.
- Gaúcho, sempre com a faca no bucho.
- O que os olhos não veem, o coração não sente.
- Botar/pôr lenha na fogueira.
- Cavalo dado não se olha os dentes.
- Cada um com a sua cruz.
- Cortar pela raiz.
- Fazer tempestade em copo d'água.
- Ir a vaca ao brejo.
- Quem canta os males espanta.
- Quando a esmola é grande o santo desconfia.
- Quando uma porta se fecha outra se abre.
- Quanto mais alta a subida maior a queda / o tombo.
- Peixe morre pela boca.
- Matar dois coelhos com uma cajadada só.
- Pau que nasce torto nunca se endireita.
- El que se fue a Sevilla, perdió su silla.
- La mortaja no tiene bolsillos.
- Para que llorar sobre la leche derramada.
- Nunca falta un roto para un descosido.
- Con el cuchillo bajo el poncho.
- Ojos que no ven, corazón que no siente.
- Echar leña al fuego.
- A caballo regalado, no se le mira el bocado.
- Que cada cual aguante su cruz.
- Cortar por lo sano.
- Hacer una tormenta en un vaso de agua.
- Irse a pique.
- Cantando los males se espantan.
- Cuando la limosna es grande, hasta el santo desconfía.
- Cuando una puerta se cierra otra se abre.
- Cuanto más alto se sube, más grande es la caída.
- Por la boca muere el pez.
- Matar dos pájaros de un tiro.
- Él que nace torcido, nunca se

endereza.

- Nem tudo o que reluz é ouro.
- Ni todo lo que reluce es oro.

3. Os provérbios na sala de aula: sugestões de uso

O uso dos provérbios na sala de aula de português como L.E. para falantes nativos de espanhol é um recurso didático importante, já que permite, desde os aspectos discursivos e pragmáticos, estabelecer relações de significados próprios de cada uma das mencionadas culturas. Esses são instrumentos úteis para desenvolver habilidades como a de inferir significados, motivar a criatividade e, nas situações comunicativas, gerar enunciados adequados e coerentes à situação.

Trabalhar com expressões populares que já são parte de um acervo de conhecimentos universais ajuda também a pensar a língua estrangeira desde outra perspectiva. Permite ir descobrindo formas linguísticas culturais, ao invés de somente fazer traduções literais das expressões, palavra por palavra. Assim, se ativam também referenciais da outra língua, mas que também são familiares e que dão uma nova visão da realidade em termos históricos, sociais e culturais.

Em níveis mais avançados, como no caso do ensino de português como L.E. para futuros docentes, se sugere, num primeiro momento, uma aproximação teórica aos provérbios e uma ativação da memória discursiva a través do resgate destas expressões na língua materna. A reflexão em termos teóricos introduziria estas expressões apresentando-as como frases formadas, comuns a diferentes culturas. Além disso, deve ser mencionada sua importância em termos de resgate de valores, já que de forma direta ou figurada, transmite regras morais.

Um exemplo de atividade provocadora, utilizando os provérbios da língua portuguesa pode ser a seguinte: escrever as expressões proverbiais em tiras de papel e cortá-las pela metade. Cada aluno, com sua metade deve procurar o colega que complete seu provérbio. Depois de encontrado, os dois trabalharão num pequeno diálogo onde utilizarão o provérbio formado. Para esta atividade, se utilizará a negociação de significados e se ativará a memória discursiva. Posteriormente, os alunos podem representar o diálogo em forma oral para seus colegas. A atividade

pode ser complementada com a apresentação das possíveis variações de um mesmo provérbio e a análise comparativa na língua materna.

Outra atividade sugerida é o uso de diferentes gêneros textuais, como músicas, crônicas da vida cotidiana, manchetes de jornais, textos de revistas e propagandas. Os mesmos devem conter provérbios, que serão identificados pelos alunos. Pode-se trabalhar a inferência de significados no contexto apresentado e posteriormente, debater em forma oral, utilizando a L.E. Podemos selecionar textos com provérbios de tom humorístico e também aqueles que sofreram algum tipo de transformação criativa. Depois do contato inicial com os provérbios da L.E., outra atividade a ser proposta para os alunos é um trabalho de pesquisa sobre os provérbios e a elaboração de um glossário com seus significados e exemplos. Na sua seleção, deve predominar os que são de uso mais frequente.

Não se recomendam os exercícios estruturalistas, como os de preencher lacunas. As atividades devem ser funcionais e comunicativas. O objetivo é contribuir para que se alcance competência comunicativa, o que inclui também poder selecionar o provérbio mais adequado a cada situação linguística, considerando também o extralinguístico. Em línguas próximas como no caso do português e do espanhol, possibilita relacioná-las culturalmente e também atualizar sua vigência através do uso. Além disso, funcionam como um instrumento de enriquecimento dos conhecimentos dos alunos.

Bibliografia

AZEVEDO, Ricardo, 2006, Armazém do folclore, São Paulo, Ática.

DUCROT, Oswald, 1989, “Argumentação e ‘topói’ argumentativos”, In: GUIMARÃES, Eduardo (ORG.), História e sentido na linguagem, Campinas, São Paulo, Pontes.

FANJUL, A, 2002, Português e espanhol: línguas próximas sob um olhar discursivo, São Carlos (SP), Claraluz.

GUIMARÃES, E, 2002, Enunciação e acontecimento, Campinas, Pontes.

MAINGUENEAU, Dominique, 2002, Trad.: Cecília Souza-e-Silva e Décio Rocha, “Do provérbio à ironia. Polifonia, captação e subversão.”, In: Análise de textos de comunicação, São Paulo, Cortez.

MOITA LOPES, L. P., 1996, Oficina de lingüística aplicada, São Paulo, Mercado de Letras.

ORLANDI, Eni Pucinelli, 2001, Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos, Campinas, Pontes.

_____, 2000, Discurso e leitura, Campinas, SP, Ed. Da Unicamp.

PRATA, Mario, 2003, Mas será o Benedito? Dicionário de provérbios, expressões e ditos populares, São Paulo, Globo.

VILLAÇA KOCH, 2002, A construção de objetos-de-discurso, Em AAVV, ALED, Vol 2. nº1 Venezuela, Latina.